

**ÓRFÃOS DO ELDORADO: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE**

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 116 p.

Helena Hisako Toida\*\*

*Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, é um livro publicado em 2008 (São Paulo, Companhia das Letras, 116 pág.). A exemplo de seus livros anteriores - *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000), ambos ganhadores do prêmio Jabuti de melhor romance, e *Cinzas do Norte* (2005), o cenário é o Norte brasileiro, para muitos leitores uma região desconhecida e cheia de exotismo.

O autor Milton Hatoum, nascido em Manaus e radicado em São Paulo, se utiliza de sua terra natal como cenário deste romance. Quem poderia melhor do que ele desenvolver uma trama tão melindrosa, misteriosa e humana, de forma tão lúcida e objetiva, sem ser influenciado pelo amor à terra natal e saudosismo excessivos, fatores que só levariam a produzir obras extremamente sentimentais.

*Órfãos do Eldorado* conta a história da saga de uma família, tendo como pano de fundo a época do apogeu da borracha no Norte brasileiro, mostrando, de um lado, a decadência de uma família, os Cordovil, e do outro, a do ciclo da borracha na Amazônia, que era então chamada de Eldorado, devido à riqueza proporcionada pelas seringueiras. Sobre isso, o autor traça o fascínio e a frustração encontrados na vida, que todos nós experimentamos ao longo da existência; como o próprio personagem principal Arminto Cordovil nos revela:

Nossa vida não se cansa de dar voltas. Eu não morava nesta tapera feia. O palácio branco dos Cordovil é que era uma casa de verdade. Quando decidi viver com a minha amada no palácio, ela sumiu deste mundo. [...] E não tinha a obstinação do meu pai, nem a esperteza. Amando Cordovil seria capaz de devorar o mundo. Era um homem destemido: homem que ria da morte. E olha só: a fortuna cai nas tuas mãos, e uma ventania varre tudo. [...] Quis apagar o passado, a fama do meu avô Edílio. Não conheci esse Cordovil. Diziam que ele ignorava o cansaço e a preguiça, e trabalhava que nem um cavalo no calor úmido desta terra. (p. 14)

\* Profa. assistente do dpto. de Estudos Luso- brasileiros Faculdade de Estudos Estrangeiros. Universidade Sofia. Tóquio, Japão.

Nesse parágrafo o leitor já presente o drama que está para se desenrolar: o peso de uma família bem sucedida com o auge da borracha, o pai austero, que não consegue demonstrar seu amor pelo filho (que, aliás, fica-se sem saber se era isso ou não, pois ele morre justamente quando supostamente faria as pazes com seu filho), o filho que teve sua vida “destruída” com as palavras do pai: “Tua mãe te pariu e morreu.”, entrando em eterno conflito com ele.

As primeiras linhas do romance já são suficientes para prender a atenção do leitor levando-o a imergir no mistério que desponta com a índia que desaparece nas águas do rio Amazonas, dizendo que “foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas”. É uma cena das muitas lendas do Amazonas? O narrador prossegue contando outras histórias, com toda a atmosfera misteriosa que envolve as lendas dessa região.

O mérito de Hatoum está na sua capacidade fantástica de nos relatar o quanto Manaus e suas proximidades são cheias de fascínio, de como ele se sente atraído por essa terra, de forma objetiva, às vezes até fria.

Os topônimos de origem indígena e lendas, que o personagem principal diz ter ouvido dos próprios índios dessa região, também exercem uma função importante para aumentar a curiosidade do leitor diante de tanto mistério.

Isso culmina na amada de Arminto, Dinaura, uma personagem que produz uma atmosfera de vaguidão, mistério, ser sobrenatural... Não se pode sentir nela um ser humano de carne e osso até o final do romance e poder-se-ia dizer que isso vem a ser justamente uma característica do Norte brasileiro, nas mãos de Hatoum.

A história dos Cordovil é contada por Arminto, narrador em primeira pessoa, falando de seu passado para o rio Amazonas, seu único ouvinte, e que só consegue parar de falar quando chega à noite. Através disso, encontramos no romance a procura incansável da riqueza de um homem, do seu amor perdido, da decadência de uma família em três gerações, do conflito entre o pai e filho - eterno tema que o ser humano não cansa de explorar.

A estruturação fantástica de que se serve o autor é quando ele aproxima a ficção da realidade, ou melhor, dá o toque real ao que acabara de escrever: o posfácio onde comenta que ouvira essa história de amor do seu avô, este que ouvira em 1958, numa de suas viagens ao interior do Amazonas. E o próprio autor encontra “Arminto”. Experimentamos aqui o cruzamento entre a ficção e a realidade, deixando no leitor uma dúvida: é uma técnica do autor ou isso é realidade? Existe uma cidade encantada no fundo do rio ou lago como acreditam muitos nativos? A viagem do leitor pelo labirinto do romance vê seu fim envolto nessa nuvem de dúvidas...

Antes de começar o romance propriamente dito, Hatoum cita um trecho de A cidade de Konstantinos Kaváfis (1910):

Vou para outra terra, vou pra outro mar. Encontrarei uma cidade melhor do que esta. Todo o meu esforço é uma condenação escrita, e meu coração, como o de um morto, está enterrado. [...]

Não encontrarás novas terras, nem outros mares. A cidade irá contigo. Andará sem rumo pelas mesmas ruas. [...] Não esperes ir a outro lugar, não há barco nem caminho para ti. [...]

E isso é o que o destino nos reserva, quando não conseguimos nos encontrar a nós mesmos, a nos conscientizarmos da nossa existência, dando-lhe o devido valor e importância, pois a nossa vida, qualquer que seja ela, é um milagre da natureza.